

REMINISCÊNCIAS

Finalmente, o domingo tão esperado chegou. E chegou luminoso, ensolarado, as flores emitindo suave perfume, os pássaros cantando alegremente, a temperatura amena da primavera, tudo parecia um capricho do Criador, era só ter olhos de ver para perceber isso. O carro, na garagem, já estava preparado para a viagem, tanque de combustível cheio, pneus calibrados, óleo do cárter verificado, radiador em ordem. Os lanches também já se encontravam devidamente acondicionados, sempre é bom ter alguma coisa para comer, afinal nunca se sabe o que se vai encontrar nessas cidadezinhas coloniais, quase sempre paradas no tempo, talvez nem haja bons restaurantes. Tudo muito bem planejado, o que não impediu pequeno atraso na saída, ora era um que não apanhara a jaqueta, ora outro que deixara a câmera sobre a mesa da sala, essas coisas acontecem mesmo, com toda a certeza alguém, a meia viagem, irá dizer pesaroso que se esqueceu disso ou daquilo.

Foram quase três horas de viagem, mesmo porque não se podia correr na serra, eram muitas curvas acentuadas, aclives e declives sucessivos, alguns trechos sem acostamento, mas em compensação sucediam-se belas paisagens, tudo era de encher os olhos, tanto que todos pararam de conversar, preocupados em usufruir daquela inexcelável beleza e em fotografar tudo que pudessem.

Quando se avistou, lá do alto, a singela cidadezinha, teve-se mesmo que dar um jeito de estacionar, ainda que de forma precária, às vezes as emoções nos fazem correr riscos desnecessários. Mas tudo acabou bem e em poucos minutos estava-se entrando na pequenina cidade colonial, que mais parecia um presépio perdido entre as montanhas.

A primeira impressão foi um tanto frustrante, em especial para os mais jovens, acostumados às comodidades de hoje, pois o calçamento das ruas, de pedras irregulares e brilhantes, polidas pelo tempo, fazia o carro sacolejar impiedosamente. E muitas das casas, que do alto pareciam tão pitorescas, estavam maltratadas pelos anos, o reboco caindo, o teto arqueado, a pintura desbotada, a marca do desleixo em todos os detalhes. Foi só ao chegarem à parte restaurada da cidade é que a impressão mudou, dava gosto ver o casario como se tivesse acabado de ser construído, até mesmo as pessoas pareciam mais animadas, era como se as mentes e as emoções sofressem influência do ambiente.

Pararam o carro em um canto da praça, felizes por estarem ali naquele que parecia outro mundo, era como se tivessem viajado para os tempos do Império. “Bem que eu gostaria de ter u`a máquina do tempo, só que eu iria era para o século XXII”, disse Ricardo, garotão de

quinze anos, mais interessado nas coisas da modernidade tecnológica. Somente Isabel olhava tudo aquilo quieta e ensimesmada, nem parecia mais a menina tagarela de sempre. “Vamos do outro lado ver o chafariz, papai, quero brincar de novo em volta dele”. Todos entreolharam-se intrigados e surpresos, até porque, da extremidade em que estavam, não se via chafariz algum. Mas caminharam pela praça até chegarem a gracioso espelho d’água, no meio do qual se viam os restos quase irreconhecíveis de antiga construção, onde se podia ler, em reluzente placa metálica: **RUÍNAS DO ANTIGO CHAFARIZ COLONIAL**. Somente depois de haver saltitado alegremente em torno do pequeno lago, cantando estranha canção desconhecida de todos, é que a pequenina Bel – era como todos a chamavam – voltou a ser a menina alegre de sempre.

D. Viganó
darly.vigano@gmail.com